

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i34.5553>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



NECESSIDADE E COMPREENSÃO FILOSÓFICA DA PESQUISA CIENTÍFICA SEGUNDO ÁLVARO VIEIRA PINTO

Necessity and philosophical understanding of scientific research according to Álvaro Vieira Pinto

Joel Francisco Decothé Junior
IFEV

Resumo: O presente artigo se ocupa de algumas questões filosóficas de ordem epistemológica e ontológica presente na obra *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (1967) redigida pelo filósofo brasileiro Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987). O problema de fundo que move esta pesquisa é o seguinte: como funciona o modelo metodológico da pesquisa científica proposto como aporia filosófica na tensão dialética entre ciência e existência? Portanto, visando aprofundar a leitura de tal questão, faço um contraste dialético-metodológico entre os sistemas de Lima Vaz e Vieira Pinto, considerando a noção de dialética. Realizo também o levantamento da investigação científica como ponto social do movimento processual ontológico de constituição da história humana. Finalmente, cotejo a necessidade de compreensão filosófica da pesquisa científica entre os agentes humanos que produzem ciência, na perspectiva de exercitar a consciência crítica nos empreendimentos científicos.

Palavras-chave: Necessidade; compreensão filosófica; pesquisa científica; dialética.

Abstract: This article addresses some philosophical questions of epistemological and ontological nature present in the work *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (1967) written by the Brazilian philosopher Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987). The underlying problem motivating this research is as follows: how does the methodological model of scientific research function as a philosophical aporia in the dialectical tension between science and existence? Therefore, aiming to deepen the understanding of such a question, I contrast dialectical-methodological systems between Lima Vaz and Vieira Pinto, considering the notion of dialectics. I also survey scientific research as a social point in the ontological processual movement of human history. Finally, I compare the necessity of philosophical understanding of scientific research among human agents who produce science, with the perspective of exercising critical consciousness in scientific endeavors.

Keywords: Necessity; philosophical understanding; scientific research; dialectics.

1 O contexto vivencial e o problema filosófico exposto em *Ciência e existência*

Sobre o filósofo brasileiro Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987), como pontua Domingues (2017, p. 46), “hoje meio esquecido entre nós, e até recentemente alvo de avaliações bastante negativas por filósofos da estirpe de padre Vaz, Bento Prado, Paulo Arantes e Gérard Lebrun, penso que é preciso nuançar bastante, considerando outros aspectos de sua trajetória intelectual e política”. Esta postura se justifica quando nos debruçarmos sobre sua obra e assim observamos a pertinência de suas reflexões filosóficas. A carreira de Vieira Pinto começou marcada por certo tipo de diletantismo, quando trabalhava como médico. Foi convidado por Alceu Amoroso Lima, acadêmico

ocupante da Cadeira 40 da Academia Brasileira de Letras (ABL), para começar sua carreira na extinta Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde passou a exercer atividades docentes neste fechado ambiente acadêmico. Em um movimento de abertura, Roland Corbisier o convida para participar das atividades do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que tinha sido recém-fundado em 1955 (ROUX, 1990). Sua inserção neste instituto oportuniza a Vieira Pinto sair do anonimato e passar a agir na esfera política nacional, pois assim poderia contribuir com o seu pensamento na perspectiva do soerguimento do projeto de desenvolvimento nacional de Juscelino Kubitschek e ainda com as reformas de base propostas por João Goulart.

Após uma década de atividades públicas como intelectual, acontece o infame golpe civil-militar de 1964, que o lançou, coercitivamente, para o exílio, encerrando assim sua carreira como docente universitário no país, quando estava para completar 55 anos. Nessa direção, Vieira Pinto sofre de forma abrupta o impedimento de atuar como intelectual em sua pátria, e “no mesmo compasso a possibilidade de ver seu nome como intelectual público ligado à filosofia, ficando a pecha de intelectual do Iseb e de chapa branca – injusta, ao fim e ao cabo, mas real” (DOMINGUES, 2017, p. 46). Ato contínuo, Vieira Pinto foi atingido visceralmente pelos reflexos catastróficos do golpe civil-militar de 1964 com o fechamento do ISEB em 13 de abril do mesmo ano. Logo, ele passa à condição de suspeito e é investigado pela instância da Polícia Militar da época. Segue para o exílio no Chile (entre 1965 e 1968), onde viveu e passou a ministrar aulas nos cursos avançados do Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE), sendo este ligado à Organização das Nações Unidas (ONU). Foi nesse momento turbulento de sua vida que, no ano de 1967, o filósofo brasileiro escreve *Ciência e existência*.

O livro supracitado, originalmente tinha ganhado o título de *O método científico*, porém Vieira Pinto acabou modificando e o intitulado de *Ciência e existência*. Esta obra foi escrita no decurso de seu exílio ao ministrar aulas para estudantes chilenos, porém, num primeiro momento, o próprio CELADE não manifestou interesse em publicar o material. Desse modo, *Ciência e Existência* teve a sua publicação no Brasil em 1969 (GONZATTO; MERKLE, 2016). Na 2ª edição, da década de 1970, podemos encontrar no Prefácio da obra a descrição de que o trabalho foi escrito em Santiago do Chile, ao longo do ano de 1967, “no cumprimento de um contrato concedido ao Autor pelo Centro Latino-Americano de Demografia. Nele estão contidos alguns dos principais conceitos das aulas ministradas pelo autor aos alunos do Curso Avançado daquele órgão das Nações Unidas” (VIEIRA PINTO, 1979, Prefácio).

No que tange à recepção da obra *Consciência e realidade nacional*, diversas posições teórico-metodológicas foram expostas, como é o caso dos culturalistas e espiritualistas. Pensadores como Luís Washington Vita, Lima Vaz, Gérard Lebrun, Bento Prado Júnior, Paulo Arantes, entre outros, se ocuparam de tecer suas críticas pessoais à obra. De maneira geral, a intenção foi a de fomentar a discussão filosófica, que tinha como objetivo forjar um ambiente intelectual de esclarecimento pela via dos debates acadêmicos. No caso da corrente dos marxistas, a crítica se deu de forma totalmente antagônica ao pensamento de Vieira Pinto. Os funcionários do partido deste espectro político, naquele período, se apropriam da noção de “compreensão ontológica da realidade” com sua leitura metodológica histórico-materialista, pois enquadraram o pensamento de Vieira Pinto sobre o problema da ontologia da consciência nacional como algo meramente idealista (PAIM, 2020). Na sequência, examinarei, sucintamente, somente a posição crítica de Cláudio Henrique de Lima Vaz em confronto com a posição de Vieira Pinto, em relação ao caráter da dialética como método de trabalho filosófico.

2 O contraste dialético-metodológico entre os sistemas de Lima Vaz e Vieira Pinto

A obra de Álvaro Vieira Pinto é tratada de forma reticente e crítica por uma gama ampla de seus críticos. Entre uns e outros, realizo aqui um recorte epistemológico

para tratar de forma sintética, devido à complexidade do tema e à limitação de páginas, a questão do método dialético conforme abordado por Cláudio Henrique de Lima Vaz em sua perspectiva da pesquisa filosófica, contrastando-a com a de Vieira Pinto. O pensamento ontológico de Lima Vaz é marcado pelo tríplice modo de força representado nos seguintes tópicos: (i) análise rememorativa, uso da dialética e rigor sistemático. Lima Vaz, em seu pensamento filosófico, elabora um método triádico para a reflexão filosófica, fundamentado na densidade ontológica na interpretação dos fatos do mundo. Nesse breve contraste com o pensamento ontológico-dialético de Vieira Pinto, no que tange à questão da presença da dialética na produção da ciência, tomarei como base para minha reflexão o momento da dialética segundo Lima Vaz, para justamente visualizar o contraste em termos de compreensão metodológica entre ambos os filósofos no quesito produção da ciência.

A noção metodológica de rememoração assume fundamentalmente uma função problematizadora para Lima Vaz somente quando as ofertas de tratamento de problemas são articuladas dialeticamente com oposições e sínteses, que culminam no exame do presente em termos de reflexão ontológica de quem se põe a filosofar. A meta é a de superação de tais contradições, conforme os desafios culturais do tempo presente vivido em sociedade. Dessa forma, segundo Mc Dowell (2022, p. 362), “o progresso da filosofia apresenta-se como uma permanente reinvenção, onde se conjugam continuidade e descontinuidade, não repetição mecânica do já dito, mas iniciativa de sua inteira reproposição sob a forma de espontânea criação”. Logo, tendo em mente o fato desse retorno contínuo das mesmas aporias, num outro viés, temos o signo invariável da própria condição da natureza humana. Este dado da rememoração nos direciona para o elemento da historicidade robusta no modo de pensar vaziano, que se reverte novamente para a tarefa de se pensar novas fronteiras e horizontes em sua leitura na densidade ontológica do existir histórico no mundo.

Entretanto, a concepção de “abertura de entendimento filosófico”, para Lima Vaz, comporta o tríplice movimento dialético, a saber: a determinação do objeto de pesquisa, a construção das categorias e a articulação desta pela via de argumento discursivo. Em relação à determinação do objeto, o que constatamos é o momento marcado pelas demandas aporéticas, pois a efetivação heurística de tal aporia se radicaliza na determinação do seu traço ontológico, que é demonstrado na inquietante pergunta: “o que é isso?”. A dificuldade de se ter uma resposta tem a sua relação com a concepção de “rememoração” em Lima Vaz, pois o confronto com diversas formulações e resoluções oferecidas para os problemas no percurso pretérito do tempo histórico, torna o postulado de uma nova proposta no ambiente histórico-cultural atual muito relevante. Nesse sentido, conforme Mac Dowell (2022, p. 364), “a aporética histórica conduz inexoravelmente à aporética teórica ou crítica, cujo desfecho é a construção das respectivas categorias, que serão, por sua vez, articuladas no conjunto do discurso filosófico”. Lima Vaz fundamenta-se no fator metafísico do movimento dialético de oposição essencial entre o ser e o não ser, cuja suprassunção se expressa no conceito central da lógica formal, que é o princípio de não contradição. Lima Vaz estabelece que a investigação da realidade tem de se dar com base em categorias de ordem filosófica, que visam explicitar o seu ser ou a sua essência (VAZ, 1991). Novamente, em sua metodologia de trabalho, o pensador jesuíta opera de maneira triádica, pois utiliza o processo dialético que age pela via da pré-compreensão, sendo este o resultado da experiência involuntária de todo mundo, situado num determinado pano de fundo histórico-cultural.

A forma de Lima Vaz entender a fundamentação metodológica das categorias filosóficas de compreensão ontológica se reverte, em certo sentido, num tríplice momento forjado por determinada dialética de corte metafísico com as categorias de universalidade, particularidade e singularidade. Nessa perspectiva, Mc Dowell argumenta elucidando o caráter da dialética nesta circunstância metodológica em que a postura filosófica da universalidade se refere ao ponto formal e abstrato da própria razão. Aqui, aparece o traço central de inteligibilidade de toda e qualquer coisa. Só podemos ter compreensão das categorias dialéticas a partir de uma linha de pensamento

marcada pelo universal, que se desvela, simultaneamente, como um fator indeterminado (MAC DOWELL, 2022). Sendo assim, a condição humana não é determinada pela substancialidade da racionalidade de corte atemporal; antes, existe o dado essencialmente histórico, o espírito encarnado, que se encontra imanentizado no aqui e no agora, ou seja, quando observamos que é na particularidade que reside determinada situação. A situação envolve e implica uma gama abrangente de elementos de ordem física, biológica, psíquica, social e cultural. A totalidade da compreensão da realidade é atravessada por tais condicionamentos.

Os elementos mencionados não eliminam o caráter universal e necessário da compreensão, porém, desde o olhar subjetivo, faz-se a delimitação do aspecto que a realidade passa a ser cotejada. Desde um ponto de vista objetivo, acontece a determinação posterior do conteúdo do conceito com elementos advindos da experiência. O aspecto do particular é, portanto, a negatividade efetiva e explícita da racionalidade universal, enquanto indeterminada e abstrata. Nesse quadro, temos, segundo o pensamento vaziano, o momento da determinação ou negação no cerne da categoria de universalidade. O processo dialético é, em sua totalidade, intrínseco ao conceito, conforme consegue exprimir a racionalidade presente no real. A particularidade expressa a sua autodeterminação, enquanto detém o poder de se realizar efetivamente na situação limítrofe do ente particular. A particularidade se constitui como o elemento de mediação entre o universal e o singular. A singularidade implica no resultado do processo de compreensão da própria realidade. O cenário referente à noção de singularidade é aquele que trata da realidade de forma concreta e propriamente existente, porém, entendida como identidade que reflete a universalidade e a particularidade, na qual se exprime a sua total potencialidade (MAC DOWELL, 2022). Vejamos que ao pensarmos nos momentos da universalidade e da particularidade, podemos concluir que são apenas dimensões dialeticamente complementares da inteligibilidade que se refere ao singular.

No fundo, os três momentos são elementos coextensivos uns aos outros, sendo que cada um deles é a expressão do todo sob um desses aspectos marcantes do caráter mobilístico da dialética, conforme o pensamento metodológico em filosofia esboçado por Lima Vaz. Dessa forma, temos o significado dos momentos referentes ao movimento do processo dialético como ponto nodal de exemplificação, declinado na compreensão do agir moral como uma decisão singularmente moral de poder fazer o bem. O movimento do processo dialético se erige na articulação das categorias com a totalidade do discurso. Tal articulação é orientada, segundo Lima Vaz, por três princípios basilares, isto é, o princípio da limitação *eidética*, o princípio da ilimitação *tética* e o princípio da totalização (VAZ 1991). Esse movimento dialético aponta explicitamente para a totalidade infinita do ser, que se manifesta no princípio da totalização. Esta totalização deve organizar-se em um sistema de categorias, de modo que a unidade sistemática do discurso reflita a inteligibilidade ontológica de seu todo sob a forma de um conteúdo conceitualmente concreto, mediado pela vida do espírito que antecede o caráter sistemático do método de Lima Vaz para fazer filosofia, considerando o caráter da dialética.

Neste movimento de contraste dialético que faço entre o pensar dialético de Lima Vaz e Vieira Pinto, temos que destacar a força da linha interpretativa vieirista dada na dimensão de uma antropologia filosófica, pois assim como bem pontua Braga, o fato de que “sendo o homem parte do processo universal da realidade, que é dialética, uma peculiaridade se apresenta nele em face do todo. As leis dialéticas estão presentes no íntimo dos seres da realidade” (BRAGA, 2021, p. 12). Logo, o ser humano passa a se ater à tomada de consciência de si e do mundo diante dos elementos que não estão presentes em outras instâncias. O humano passa a se perceber como ser histórico, e isso o constitui de forma qualitativa em termos distintos, pois historiciza a questão do tempo, a da duração que oferece um salto qualitativo que implica a evolução da matéria. Por essa razão, Vieira Pinto trabalha sua fundamentação de um tipo de metodologia dialética diferente daquela de Lima Vaz. O filósofo jesuíta mineiro se centra em fazer a heurística

de categorias filosóficas da dialética; já o filósofo fluminense procura colocar o ser humano como cerne da ontologia e da gnosiologia, sem ficar preso a formalização da dialética como mero fator categorialmente epistemológico. Vieira Pinto soergue em sua dialética as noções de visão do humano, hominização e visão de mundo como a filosofia imanente da natureza.

A concepção de “ser humano”, para Vieira Pinto, faz parte de seu método na análise referente à produção da ciência. A justificativa é a de que o ser humano, por ser detentor de racionalidade, ocupa o topo de produção de conhecimento entre os entes particulares. Por causa da racionalidade que possui, acaba percebendo e tendo as condições necessárias para oferecer a heurística abrangente do real na observação dos seus elementos particulares que os constituem. Conforme Vieira Pinto (1979, p. 74), o ser humano é incitado a pensar sobre a totalidade da realidade, pois “o produto dessa reflexão, que busca explicar e coordenar racionalmente todos os aspectos do mundo, é o que se chama uma filosofia”. O método dialético em Vieira Pinto esboça a forma de se fazer filosofia numa perspectiva de ontologia crítica que visa abranger todas as formas de ser.

No pensamento de Vieira Pinto, o ser humano é este ser que produz a sua existência. Os demais seres somente usufruem do que existe sem produzirem sua subsistência; sem tal situação, acabam perecendo. No caso da espécie humana, acontece a ação de adaptação da natureza a si, pois a sua sobrevivência é marcada pela produção do que sua espécie necessita. Nesse sentido, a espécie humana se distingue por completo das demais, tendo em vista que estas não conseguem se manter por meio de tal astúcia. Sendo assim, quando nos ocupamos da questão de método no pensamento de Vieira Pinto, o conceito que adquire valor central é o de “compreensão da essência do homem e de todas as suas atividades, inclusive a mais perfeita destas, a realização da ciência” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 48). Nessa esfera, observo como o ser humano é valorizado na metodologia de trabalho do filósofo fluminense, considerando que este não é encarado como uma mera categoria lógica.

O humano é ser de ação e, com isso, consegue superar todo e qualquer determinismo com a sua condição de ser livre. Evidentemente, existem leis determinantes e objetivas, mas isso não faz com que seja um autômato, justamente pelo fato de o ser humano ser o agente que decide os caminhos que pretende seguir, contando com os efeitos advindos daí e podendo utilizar métodos objetivando alcançar múltiplas finalidades. Na perspectiva de Vieira Pinto, o ser humano carrega consigo a inclinação natural de ser um ente de investigação do real, ente ativo e transformador da realidade. Para o filósofo fluminense, o ser humano tem a ambição de dominar a natureza por meio de suas pesquisas, asseverando que a ação “investigadora acha-se, pois, na origem da relação do homem com o mundo, a qual não tem caráter passivo, como nos animais que formam e transmitem hereditariamente atos instintivos. O homem adapta-se ativamente à natureza, pelo ato de adaptá-la a ele” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 374). Observo, assim, que as diferenças em relação a Lima Vaz se aprofundam pela razão de Vaz trabalhar com a noção de “sistema”, enquanto Pinto trabalha com a “natureza humana”.

Os pontos heurísticos centrais do livro *Ciência e existência*, de Vieira Pinto, deixam tal afirmação explicitada nos sentidos de apontar que o ser humano é um ser ativo no mundo e abrir a possibilidade de o mundo real ser passível de ser capturado pela via da razão, que se utiliza do ponto de partida da concepção robusta de ação humana. O extenso processo de constituição histórica que o ser humano vem vivenciando é a malha estrutural que anima a pesquisa sobre a metodologia da filosofia dialética aplicada ao fazer científico, conforme Vieira Pinto. No fundo, o filósofo fluminense não procura somente desvelar as características de funcionamento do caráter da dialética, como faz Lima Vaz; o que se pretende, é explicar a gênese do fenômeno humano que é a ciência. Para Vieira Pinto, aqui residem as condições de possibilidade de se asseverar a noção de que a produção científica se estrutura na condição existencial da vida humana (PELOGGIA, 2001). Dessa forma, tornar-se cada vez mais ser humano é um processo histórico de hominização que condiciona toda a

realidade humana a uma base de historicidade, não privilegiando apenas a vida orgânica, mas também as ações materiais e mentais que o avanço da percepção, porventura, possa alcançar a cada instante, permitindo assim o processo histórico na configuração da hominização.

Para Vieira Pinto, esse recurso da historicidade da ciência é o resultado consequente da historicidade do método que envolve a dialética, na qual a decorrência se dá pelo fato de a própria historicidade da razão existir e agir. Logo, a ciência continuamente irá representar prontamente “a forma mais elevada de captação da realidade pela mente humana, que cada época se mostra capaz de produzir” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 92). Isso implica numa visão de mundo que denota certa concepção imanência da natureza. A natureza é analisada mediante as suas finalidades, nesse sentido, Vieira Pinto utiliza-se da noção de “dialética da natureza” para ir constituindo sua argumentação no campo da filosofia da ciência. Segundo o filósofo, indica-se como questão fundamental a tarefa de erigir a busca por compreensão dos postulados da ciência e suas pesquisas, pois existe uma lógica implícita em sua natureza que demonstra os seus predicados em si mesmos, “e como qualidade pertencente originariamente ao plano da consciência, ao espírito, vindo a ser projetada na realidade exterior pela exigência de conhecê-la racionalmente” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 159). Temos que frisar o dado de que, para Vieira Pinto, existe o elemento da logicidade imanente do processo natural, sendo tal articulação indicadora de que a objetividade da natureza é passível de ser investigada numa esfera ontologicamente dialética.

3 Investigação científica como ponto social do movimento processual ontológico da história humana

Na obra *Ciência e existência*, observamos o desdobramento de uma espécie de argumentação sobre as questões referentes à relação entre a produção da ciência e a pesquisa científica, como um momento crucial do movimento processual de produção da história do conhecimento. A caracterização do filósofo brasileiro sobre os procedimentos da pesquisa científica é encarada como um aspecto que, na realidade, desvela o momento de culminância, no qual um processo de extrema amplitude e hermeticidade envolve o agir humano, no sentido de abarcar a sublime possibilidade de realização existencial da vida humana. Segundo Vieira Pinto (1979, p. 13), esta possibilidade é demonstrada como “aquela que dá conteúdo à sua essência de animal que conquistou a racionalidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às suas necessidades. Este processo chama-se conhecimento”. A pesquisa acaba sendo entendida como um vetor hermenêutico de abordagem da realidade, sendo assim, um instante culminante do processo histórico de construção do conhecimento. É por meio deste processo que a matéria se constitui em uma espécie de organismo vivo em curso evolutivo (PELOGGIA, 2001). Logo, temos que compreender quais são as razões que estruturam a mentalidade daquilo que Vieira Pinto entende por “processo de conhecimento”.

No espectro mental do filósofo brasileiro, o processo de conhecimento tem como arco expandido as suas origens primordiais na evolução biológica até as modalidades formais no topo dos graus presentes na cadeia da escala animal. A fase mais elevada da cadeia animal se manifesta com o “surgimento de ideias na consciência humana” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 13). Sendo assim, constata-se que o conhecimento existe desde os primórdios organizativos da matéria, onde esta irá tomar o aspecto distintivo que a diferenciará, em sua condição de ser vivo, do resto da natureza que se mantém em condição de inércia. No campo da ciência, há consenso de que a matéria sempre existiu em ato, de forma perene, e que está em um fluxo contínuo de transformação. Dessa maneira, Vieira Pinto faz uma distinção e argumenta que “uma parte dela se diferencia num processo particular que constitui a evolução biológica, geradora de todos os seres vivos” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 16). Portanto, segue-se o dado de que a matéria inerte é do mundo, próprio dele e o segue de forma passiva no que condiz às mutações mecânicas, físicas e químicas que neste mesmo mundo acontecem.

Mas o ser vivo, seja este de qualquer espécie, em algum grau acaba dominando o meio em que se encontra vivo. Na leitura do filósofo brasileiro aqui estudado, o surgimento da vida, que se demonstra como uma forma organizada da matéria e do conhecimento, ocorre “como capacidade de percepção e reação desta sobre a restante, constituem um momento qualitativamente novo no processo cósmico” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 22). Então, o conhecimento, entendido dessa maneira ampla, se enquadra numa gramática científica que lhe reserva o dado de ser um fato biológico desde a sua origem mais remota.

Vieira Pinto compreende que o conhecimento perpassa de forma abrangente todas as espécies, pois os fatores epistemológicos se mostram como reflexo da própria realidade, que é “adquirido pela capacidade perceptiva que o ser vivo, segundo sua possibilidade de organização vital, está habilitado a fazer dessa realidade” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 19). Essa argumentação do filósofo brasileiro estratifica a existência em três esferas fundamentais da forma de conhecimento mais abrangente possível, que se demonstra da seguinte forma: (i) a esfera dos reflexos primitivos; (ii) a esfera do saber e (iii) a esfera da ciência. Nessa perspectiva, Vieira Pinto expõe que a base natural do conhecimento se constitui como um tipo de propriedade ampla da matéria, ordenada no estado de coisas condicional da matéria viva. Em face desta questão, nas mais diversas modalidades, o que se tem é uma reação da própria matéria viva em relação ao ambiente em que ela subsiste.

A suposição inicial é a de que existe uma percepção da circunstância em jogo de forma objetiva, de modo a gerar reações diversas diante desta situação, pois o conhecimento recorre das implicações resultantes da existência dos organismos vivos no mundo natural. Entretanto, temos que considerar o fracionamento em duas formas, sendo a primeira instância ligada à premissa ontológica do estar jogado no mundo, que se orienta em conhecer o mundo. A influência de Vieira Pinto neste sentido é o de Georg Lukács em sua obra *Ontologia do ser social*, tendo em mente o significado que existe na relação entre forças opostas. Nesse cenário, a segunda força pressupõe a existência da primeira, que lhe garante sua própria existência, enquanto o inverso não é logicamente necessário. No âmbito da existência, o fato é que o próprio conhecimento se desenvolve como resultado do aspecto normativo ulterior de uma matriz social. O alargamento do processo de conhecimento nas suas instâncias mais elevadas se dá por meio das operações vigentes na consciência humana, e esta situação deve ser distinguida de qualquer tipo de fundamentação de natureza transcendental. Nesse sentido, Vieira Pinto argumenta sobre a condição da consciência humana, que “irá ser a fonte e o agente da criação científica, inclui-se na continuidade de um processo natural, participa dos traços essenciais que o definem, apenas se distinguindo pela complexidade a que atinge” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 22). Sendo assim, devemos analisar o modo como essa manifestação complexa se desenvolve epistemologicamente como um evento existencial em um movimento processualmente sócio-histórico.

Quando estudo sobre o problema da ciência nas obras de Vieira Pinto, observo a noção de que a existência do conhecimento se demonstra como um fator de caráter eminentemente existencial e social. Aqui, temos o dado do fato histórico em que o filósofo brasileiro entende ser o traço histórico calcado na consciência da mutação permanente da própria realidade que se desenvolve no tempo. O aspecto social, com seu acento ontológico, não pode ser descartado. Para Vieira Pinto, o elemento inicial de necessidade de compreensão filosófica será o de reconhecimento do processo de acumulação de conhecimento ao longo da história. A implicação disso é que, para Vieira Pinto, as concepções céticas em relação à possibilidade de se obter conhecimento não fazem sentido. Esta forma de epistemologia desenvolvida pelo filósofo brasileiro considera a cogitação a respeito da gênese do conhecimento se tornar viável, se e somente se, se reconhecermos a possibilidade factível da existência precedente de acumulação do conhecimento. Segundo Vieira Pinto, o existir tem conexão com o “ser histórico, como indivíduos em comunidade social, é conhecido imediatamente por mim, e, portanto, fornece o ponto de partida para o raciocínio que procura entender o

fenômeno do conhecimento, não por uma evidência interior, mas por uma experiência exterior, social, histórica, que supera toda dúvida que pudesse levantar a respeito dela” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 17). No bojo deste debate, o que se ergue como desafio será a demarcação dos critérios de veracidade do procedimento de fundamentação do conhecimento.

Nessa perspectiva, entra-se em choque com a epistemologia cartesiana, pois assim se explicita a oposição entre o “eu conheço” e a posição do “conheço ou sou conhecido pelos outros” se arvora de forma cogitativa na linha de leitura de Vieira Pinto. Portanto, apenas uma concepção metafísica que anula o agente humano da facticidade do processo histórico o faz se contemplar de forma introspectiva, sendo o ponto de proposição da aporia do conhecimento na direção do ponto de partida daquilo que seja indubitável, e que tem de se situar, por necessidade internalizada, na inteligência atomizada do agente humano na produção de suas pesquisas científicas.

A fundamentação ontológica da epistemologia de Vieira Pinto não parte da premissa da subjetividade do agente humano (PELOGGIA, 2001). Este elemento da subjetividade humana, para o filósofo brasileiro, é meramente secundário dos desdobramentos advindos da realidade. Contudo, o dado mais importante é o da objetividade absoluta que envolve a existência concreta do mundo que está em processo de evolução contínua. Em decorrência da dimensão de tratamento de tais problemas ligados à subjetividade e à objetividade, tem-se como fator central o conhecimento humano da própria realidade. Nessa dimensão, Vieira Pinto indica que, “com efeito, em primeiro lugar o que há a conhecer é aquilo que, existindo no mundo exterior, desperta o interesse do homem” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 115). Pode-se dizer que o conhecimento ontológico acaba sendo a necessidade premente da fundamentação epistemológica do real na relação que se opera entre sujeito e objeto do conhecimento.

4 Necessidade de compreensão filosófica da pesquisa científica entre os agentes humanos que produzem ciência

A manutenção da objetividade na análise compreensiva do papel dos agentes humanos diante do confronto com a realidade, é marcada pelo fundamento das condições objetivas em que se situam as vidas dos agentes humanos na produção de sua existência, ao forjarem o mundo para si mesmos por meio do trabalho. No que diz respeito à tarefa que Vieira Pinto se presta a realizar, que é a análise de como se produz ciência, o fator que a distingue é a perspectiva que se centra na noção de que a ciência é um produto social constituído pela perspicácia dos agentes humanos em sua facticidade. Ou seja, esses agentes estão em uma relação imediata com a realidade externa, pois constroem o mundo dos conceitos mediadores entre sua espécie e o mundo natural. Como argumenta Fáveri (2019, p. 146), o sentido de se expor o traço epistêmico dialético é que é neste contexto e condicionamento que se “realiza a experiência individual e coletiva na construção de novos conhecimentos, para provocar o avanço da ciência em geral como suporte para o desenvolvimento nacional”.

Dessa forma, a consciência da realidade nacional está vinculada ao caráter social da ciência no mundo em que o homem realiza a sua existência. Nessa esfera de aporia, Vieira Pinto nos incita a pensar sobre a necessidade e a compreensão filosófica da formação da consciência do agente que pesquisa cientificamente (FÁVERI, 2019). A premissa da necessidade da reflexão de cunho filosófico a respeito do trabalho de pesquisa científica consiste na estruturação das ações daquele que realiza a pesquisa como um agente pensante, livre e situado na perspectiva de busca por compreensão e orientação dos procedimentos de investigação. A meta, assim, é a produção e a melhoria dos estados de coisas materiais da existência humana, visando à promoção qualitativa da própria cultura nacional.

As ações articuladas por meio da práxis da pesquisa científica, nessa dimensão, se mostram como ferramentas que podem servir de liberalização das consciências daqueles agentes humanos que vivem em condição de opressão social. As ações

atreladas ao trabalho de pesquisa científica, no pensamento de Vieira Pinto, devem se comprometer com a melhoria da vida humana, pois seus resultados têm um impacto benéfico na vida dos agentes humanos individualmente, uma vez que têm condições de libertá-los das condições de vida aviltantes. As melhorias das condições de vida que a pesquisa científica pode promover para os agentes humanos devem ser o objetivo primordial e final deste instrumento que é a ciência em seus resultados.

O trabalho científico é discutido por Vieira Pinto, segundo Freitas (1998), em três movimentos analíticos: (i) afirmação pública de que a ciência deveria ser a expressão da racionalidade, da laicidade e da evolução biológica dos humanos; (ii) refere-se à confirmação de que sua compreensão acerca da categoria “amanualidade”, essencial no seu pensamento, vinha sendo confundida com a reflexão existencialista europeia sobre o mesmo tema e (iii) a sua rejeição ao pragmatismo de John Dewey. As implicações assertivas do trabalho de pesquisa científica na vida dos agentes humanos são propositivas na formação crítica de sua consciência, em face dos benefícios sociais da produção de conhecimento. Este expediente de produção de conhecimento tem o potencial de qualificar a vida dos agentes em termos atomísticos e holísticos, uma vez que a pesquisa científica demanda que os agentes pesquisadores possuam formação filosófica, de modo que sua maneira de pensar seja permeada pela noção de totalidade do processo investigativo.

A concepção epistemológica de Vieira Pinto denota que há uma determinação formativa necessária da consciência, a qual deve se refletir em benefícios sociais no que diz respeito aos resultados das investigações desenvolvidas. O problema a ser sanado, segundo Fáveri (2019, p. 137), coloca-se “no sentido de que contribua para a superação dos problemas nacionais e das deficiências das massas oprimidas nos setores sociais deficitários e atrasados da nação subdesenvolvida. Os resultados da pesquisa, necessariamente, devem incidir sobre a realidade local e geral de uma nação”. O agente humano que labuta na pesquisa e tem o compromisso com o desenvolvimento do país, tomando como base um projeto nacional, não deve ostentar a percepção unilinear e fraturada dos procedimentos investigativos, sendo o grande risco o de aderir a uma atitude ingênua no decurso da pesquisa que está sendo conduzida. Logo, o agente que faz pesquisas e que somente tem o domínio dos procedimentos práticos do labor científico não tem condições de tecer amplas ponderações de natureza filosófica.

Da mesma forma, o agente humano que faz pesquisas meramente filosóficas não tem condições de emitir juízos práticos. Sendo o problema identificado, quando se assume sectariamente uma dessas posturas, estará estabelecendo o distanciamento entre a teoria e a práxis nos procedimentos da pesquisa científica. Vieira Pinto entende que não basta dominar os métodos de pesquisas, tendo em vista que a relevância da fundamentação teórica não pode ser relegada a segundo plano. Não basta ter domínio dos processos empíricos da pesquisa científica, pois isso pode resultar em juízos simplesmente indutivos e possivelmente reducionistas. Por outro lado, a atitude ingênua de legitimar a efetivação filosófica abstrata de questões práticas, sem nenhum contato com a realidade, pode fraturar a relação entre teoria e prática, distanciando a compreensão da totalidade a partir da particularidade.

Assim, existe a perspectiva ingênua de alguns agentes de pesquisa ao banalizarem a constituição orientadora da direção teórica de forma ampla e coextensiva, algo que seria inútil em oferecer o resultado dos delírios produzidos pela atividade de mentes filosóficas ingênuas. O problema para Vieira Pinto é o da consciência ingênua, que insiste em particularizar e reduzir os procedimentos de investigação até a ponto de não considerar a interação produtiva entre teoria e práxis filosófica na construção dos resultados da pesquisa científica em termos de totalidade do real. O estabelecimento da gênese e do ocaso da pesquisa científica coopera para que a formação crítica das consciências das pessoas que pesquisam, permitindo que sejam moldadas pela compreensão da totalidade da finalidade social de suas pesquisas, em termos de benefícios socialmente coerentes, tanto na esfera nacional quanto mundial.

Portanto, a gênese e a meta da investigação científica não entram em colapso nas malhas da existência, uma vez que isso implica em aproximar o saber filosófico do científico no binômio “teoria” e “prática”. A ciência, no fundo, opera na vida da espécie humana como um mecanismo de libertação das garras da ignorância no seio da evolução histórica da espécie humana. O contexto social do trabalho de pesquisa científica pode, de fato, contribuir para um processo de humanização qualitativa, permitindo uma crescente humanização. No entanto, o desafio inerente a essa dinâmica na esfera da interação social é que a pesquisa científica também pode ser cooptada por projetos de desumanização, os quais minam as potencialidades que residem na vida humana.

Nessa perspectiva, como bem denota Fáveri (2019, p. 139), ocorre um incentivo da “construção de um conhecimento a serviço das tragédias que destroem, ao mesmo tempo, o ser humano e o planeta”. Devido a essa razão, Vieira Pinto busca consolidar a concepção da relevância necessária do uso da reflexão filosófica no âmbito do trabalho das pesquisas científicas, com o objetivo de promover o benefício da humanidade e evitar que se torne um projeto meramente ideológico e ingênuo, diante dos desafios da vida contemporânea. A percepção de Vieira Pinto é posta em curso por meio da reflexão filosófica da pesquisa científica, que será um momento evolutivo do processo de progresso da ciência. No pano de fundo deste contexto de problematização da produção científica, constata-se a presença das ideias mais universais e das categorias lógicas na abordagem dos problemas epistemológicos (VIEIRA PINTO, 1979).

Sendo assim, é crucial evitar o isolacionismo da pesquisa científica, para que não seja efetivo o hábito de tal procedimento de investigação colocar-se como um tipo de objetivo metódico autorreferente, como aponta criticamente Fáveri (2019, p. 139) sobre a pesquisa científica, que não devemos “considerá-la fruto da iniciativa individual de alguns sujeitos iluminados ou de vocações isoladas”. Então, a humanidade, em sua condição biológica, recorrerá à racionalidade crítica como instrumento para a produção de pesquisa científica, rejeitando assim um grau elevado de ingenuidade da consciência por meio da produção de conhecimento permeada pela reflexão dialética em termos filosóficos. Nessa perspectiva, qualifica-se a evolução expansiva da vida de forma abrangente para a espécie humana, impactando a vida de seus agentes de maneira particular.

Considerações finais

O método de pesquisa filosófica, para Álvaro Vieira Pinto, possui sua funcionalidade na concepção da dialética como epistemologia e ontologia desde seus fundamentos, considerando a dialética como garantia para a realização de pesquisas filosóficas vinculadas à realidade. Em *Ciência e existência*, Vieira Pinto assume a dialética como metodologia do filosofar que oferece as condições necessárias totalizadoras para se estabelecer o aspecto interativo entre o dado ontológico e epistemológico. Sendo assim, será pela via da dialética que teríamos o modo de conhecer o próprio ser da realidade. A dialética reflete a lógica imanente que revela o real, pois por meio dela obtemos os elementos de mutações que ocorrem na vida natural, de acordo com suas leis gerais, as quais são discernidas por meio do pensamento (PELOGGIA, 2001). Nessa perspectiva, quando se trata de epistemologia na reflexão do filósofo brasileiro, temos o fator da dialética como condicionante lógico e ontológico de abrangência da vida real. Aqui temos a expressão universal da realidade que comporta os conjuntos de normas imanentes que efetivam a formação ontológica dos fenômenos do real, permitindo analisar a normalidade da forma de vida natural em termos absolutos. Cabe destacar que Vieira Pinto não trabalha com a dialética do materialismo histórico, mas sim com a noção de “lógica dialética”, estabelecida como *telos* que visa fornecer as bases para o entendimento do conceito de “consciência crítica”, que demarca o modo de pensar não idealista centrado no processo de movimento do real (COSTA; MARTINS, 2019).

Dentro dessa esfera, o pensamento sobre o modo ontológico e epistêmico de lidar com a pesquisa científica deve abordar a questão da metodologia de trabalho, que, para Vieira Pinto, está intrinsecamente ligada à filosofia do real. Essa filosofia proporciona uma base teórica para a práxis, cuja explicação se dá pela viabilidade das diversas formas de produção de concepções de ciência e pesquisa científica, métodos e metodologias, dentro do fluxo da dialética entre epistemologia e ontologia. Ao aplicar a dialética como método de leitura do real, enfrenta-se a tarefa de estabelecer o que vem a ser a natureza da ciência e da pesquisa científica (VIEIRA PINTO, 1979). Na linha de trabalho filosófico é que Vieira Pinto estabelece o fracionamento dessa aporia, com as seguintes esferas de investigação: (i) a gnosiologia, que tem a pretensão de investigar como teoria do conhecimento a gênese, a ordem e a legitimidade do universo das ideias que representam a própria noção da realidade; (ii) a lógica, que estuda a estrutura e a operação dos vetores processuais conforme estes lidam com as relações das ideias entre si, pela via de interações mentais, e (iii) a epistemologia, que faz formulações teóricas sobre a ciência como ação concreta nas suas múltiplas frações particulares, articulando o trabalho de se ocupar com os seus produtos e analisando as suas bases, organizando as relações com as demais áreas dos saberes científicos e suas devidas aplicações em termos sociais, materiais e históricos nos quais se efetivam a produção de seu estofo cultural.

O pensamento de Álvaro Vieira Pinto é marcado pela força da dialética, e isso se dirige ao campo da pesquisa científica, que considera as contradições que a determinam em sua substância. Essa percepção se dá no âmbito dos fenômenos da natureza, garantindo a representação da diversidade dos seres vivos, pois tais contradições estão enraizadas nos conceitos que se referem subjetivamente aos elementos ontológicos (VIEIRA PINTO, 1979). Para o filósofo, a marca absoluta de tal processo será a das “leis da dialética”, que “decorre necessariamente de sua vigência universal, em consequência da unidade da realidade” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 207). O impasse epistêmico se dá entre a não unidade do real ou em relação ao real, que tem o seu ocaso mitigado em termos de não comunicação entre as partes dos saberes, constituindo, assim, um problema efusivamente insolúvel. E se a unidade do saber existe, esta existência está firmada em razão da operacionalidade das leis que possuem validade de forma absoluta. O modo de atingir tais leis se constitui por meio do conhecimento das leis relativas, que dialeticamente se conservam na qualidade de serem absolutas. O desdobramento dessa perspectiva confere àqueles que fazem ciência, considerando a dialética, o poder de exercitar a consciência crítica nos empreendimentos científicos.

Referências

- BRAGA, Luiz Carlos Montans. “Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz”. In: *Iniciação & Formação Docente*, v. 8, n. 3, p. 642-667, 2021.
- COSTA, Breno Augusto da; MARTINS, Adriano Eurípedes Medeiros. “Lógica dialética e educação: um estudo introdutório a partir do pensamento de Álvaro Vieira Pinto”. In: *Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 45, p. e188483, 2019.
- DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas: ensaios metafilosóficos*. São Paulo: UNESP, 2017.
- FÁVERI, José Ernesto de. *Álvaro Vieira Pinto: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire*. 2.ed. São Paulo: LiberArs, 2019.
- FREITAS, Marcos Cezar de. *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. São Paulo: Cortez, 1998.

GONZATTO, Rodrigo Freese; MERKLE, Luiz Ernesto. “Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento bibliográfico”. In: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 69, p. 286-310, 2016.

MAC DOWELL, João Augusto Anchieta. “Método Dialético, História e Transcendência, no Sistema Filosófico de Henrique de Lima Vaz”. In: *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 29, n. 60, p. 358-380, 2022.

PAIM, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. 6. ed. Campinas, 2020.

PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens. *Ciência, método e metodologia em Álvaro Vieira Pinto: Estudo da obra “Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica”*. 2001. Monografia (Curso de Especialização em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PINTO, Álvaro Borges Vieira. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROUX, Jorge. *Álvaro Vieira Pinto: nacionalismo e terceiro mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1991.

Doutor em Filosofia (UNISINOS, 2022)

Professor de Filosofia (IFEV)

E-mail: joeldecothe@yahoo.com.br